

O fim da tarde de domingo registrou dois acidentes graves, tanto para as vítimas quanto para o trânsito. No Centro, um Escort que subia o Elevado da Perimetral acabou caindo do viaduto na Avenida General Justo, com cinco ocupantes – quatro adultos e uma criança. Até as 21h, os bombeiros ainda retiravam as vítimas das ferragens. Na Lagoa, um acidente envolvendo uma moto e um caminhão, na Avenida Epitácio Pessoa, deixou o trânsito lento e engarrafado em toda a Zona Sul – a colisão aconteceu o motociclista José Roberto Camargo Oliveira perdeu o controle de sua moto. O motorista do caminhão nada sofreu.

ENGARRAFAMENTOS ■ Poluição sonora e do ar leva mais motoristas doentes aos hospitais

Do volante para o médico

RAFAEL MORAES

Trânsito: o inferno é aqui



Renato Grandelle

Dióxido de enxofre, monóxido de carbono e hidrocarboneto são nomes esquecidos pela maioria logo depois das aulas de química. As substâncias, porém, continuam presentes nas ruas cariocas – e fazendo estrago. Segundo a Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (Feema), o trânsito é responsável por 77% do lançamento de poluentes na atmosfera. São 40 mil toneladas de substâncias nocivas por ano. Além dos pulmões, sofrem também os ouvi-

Nos últimos dois anos, consultas a médicos otorrinos aumentaram cerca de 30%

dos dos cariocas: calcula-se que as buzinas de engarrafamentos já fizeram a procura por otorrinos aumentar 30% nos últimos dois anos.

A regulação da qualidade do ar no Rio sofreu um revés há duas semanas, quando a prefeitura resolveu desligar os medidores que mantinha em cinco bairros.

– Nossa frota é muito grande e tem baixa velocidade em determinados pontos, o que aumenta a emissão de poluentes – explica João Eustáquio, diretor do Departamento de Planejamento Ambiental da Feema. –

Se os automóveis não tivessem evoluído, as ruas estariam insuportáveis, já que os carros produzidos hoje liberam 40 vezes menos poluentes do que os de 20 anos atrás.

Não que sobrem automóveis zero quilômetro pelas pistas cariocas. A frota do Estado é uma das mais antigas do país – tem entre 10 e 15 anos, segundo estimativas do Detran.

– Os ônibus são especialmente antigos, mas a governadora, em vez de acelerar a renovação da frota, aumentou o tempo útil de cada veículo – lamenta o deputado estadual Carlos Minc (PT), presidente da Comissão de Meio Ambiente da Alerj. – A tendência, em todo o planeta, é diminuir a importância do transporte sobre rodas. No Rio, 92% dos deslocamentos são feitos assim. Precisamos reduzir drasticamente este número.

A lista negra da poluição é encabeçada pela Avenida Brasil, responsável por 27% de todos os poluentes emitidos no trânsito fluminense. A Avenida das Américas amarga a vice-liderança, com 9%. Segundo especialistas, o índice da Barra só não é maior devido à sua proximidade com o mar, o que facilita a dispersão dos poluentes.

O bairro era o líder na medição realizada pela prefeitura, que também tinha aparelhos no Largo da Carioca, Tijuca, Copacabana e São Cristóvão.

■ Leia e opine no **JB Online**.
www.jb.com.br/24 horas

As esquinas barulhentas

Uma das principais reclamações é sobre a falta de implementação dos projetos novos para amenizar a poluição.

– A prefeitura gastou 1 milhão de euros para criar um sistema de transporte menos poluente, mas os projetos ficaram na gaveta – lamenta o meteorologista Luiz Maia, da UFRJ.

A Zona Sul, que tem participação discreta no ranking da qualidade do ar, destaca-se quando o assunto é poluição sonora. Não há esquina mais barulhenta na cidade do que a formada pela Rua Santa Clara com a Avenida Nossa Senhora de Copacabana.

– Em algumas vias da cidade, como as avenidas Rio Branco, Ataulfo de Paiva e Visconde de Pirajá, o volume ultrapassa 100 decibéis. O ideal é que não chegue a 85 – compara Jair de Carvalho, coordenador da Campanha Nacional da Saúde Auditiva.

Ter o carro roubado foi uma bênção para o jornalista João Guilherme Lacerda, que trocou a vida automobilística pela bicicleta.

– Vivía em função do carro. Sempre tinha problemas para estacionar – lembra. – Com a bicicleta, faço exercício físico, conheço melhor a cidade e ainda economizo R\$ 500 por mês.



Fernando José Lobo e João Guilherme Lacerda, que trocaram seus carros pela bicicleta

Opinião dos leitores ■ REPORTAGENS DE TRÂNSITO

Está de parabéns o **JB** pela série sobre o trânsito. Até que enfim um jornal deixa de tratar os assuntos de forma pontual e passa a se preocupar o tempo todo com o direito do cidadão. Quem toma conta da cidade?

Reinaldo Tury
Botafogo, Rio de Janeiro

Uma das reportagens que o **JB** poderia perfeitamente mostrar em breve é sobre o trânsito aqui da Tijuca. É um dos poucos bairros da Zona Norte em que você tem de voltar duas vezes para poder ir e vai para poder voltar...

Paulo Rosas
Tijuca, Rio de Janeiro

Um dia inteiro sem automóveis

O jornalista João Guilherme Lacerda não é, certamente, o único a tirar a *magrela* da garagem durante a semana. Em 10 anos, o número de viagens diárias com bicicleta triplicou no Estado – foi de 70 mil, em 1994, para 210 mil.

As trilhas cariocas também cresceram. O Rio conta com 140 quilômetros de ciclovia prontos e 40 em fase de finalização.

– Além da maior conscientização ecológica, ninguém tem mais paciência para encarar engarrafamento – diz Fernando José Lobo, da ONG Transporte Ativo, que também renunciou aos automóveis. – Depois de seis meses, notei que não fazia falta. Se for preciso, pego um táxi ou alugo um carro, mas não teria outro em minha garagem.

Uma vez por ano, milhões de pessoas em todo o planeta copiam Lacerda e José Lobo. O Dia Mundial Sem Carro, comemorado sempre no fim de setembro, fecha as principais vias de algumas cidades a todos que preferem andar sobre quatro rodas. Em Niterói, o primeiro passeio, há 18 anos, levou 300 bicicletas às ruas. Este ano, foram 15 mil.

As vias mais poluídas*



Frota do Estado: **3,8 milhões** Em fila, os carros provocariam um engarrafamento de 17.190 km - quase metade da circunferência da Terra (40 mil km)

*Contribuição na emissão de poluentes.

Fontes: Detran, Feema